

Massa Crítica

Amar, verbo transitivo, Morrer, verbo intransitivo

Marcos Arruda¹

Resenha do filme “Amor”, de Michael Haneke, 2012, com Jean-Louis Trintignant e Emmanuelle Béart.

O filme “Amor”, de Michael Haneke tem diversos aspectos positivos. A direção, o desempenho de Béart e Trintignant, a continuidade do roteiro, a ambientação da estória, o roteiro musical são de alta qualidade. Em resumo, é muito “bom cinema”.

No entanto, não é um filme sobre o Amor. Seus temas são a velhice, a doença e a morte. O filme foi mal batizado. E este erro crasso nos leva a uma expectativa também equivocada. Num tempo de transição de eras, em que a civilização do Patriarcalismo, da Razão Pura, da lógica cerebral acima do sentimento e do coração dá sinais inequívocos de estar em fase terminal, existe no etos coletivo uma abertura, até mesmo uma sede de saber mais sobre o amor, de aprender os caminhos de vivenciá-lo, dando conteúdo superior a vidas hoje desprovidas de sentido porque reduzidas a relações meramente comerciais e utilitárias.

Assim, o nome do filme atrai, mas o filme trai. Foi o que senti ao assisti-lo. Estou seguro de que esta minha resenha vai encontrar eco em muitos outros corações.

¹ Economista e educador do PACS.

O filme se passa num só cenário – o apartamento do casal. Ele tem ar de casa mal assombrada. A ameaça de roubo no início do filme fica pairando todo o tempo. O clima de medo se instala desde aí e se amplia com o acidente vascular de Anne, que se agrava com o tempo. A relação de Georges com Anne fica trancada nessa casa, onde ninguém mais é realmente bem vindo. Angústia, medo e magoa são as emoções dominantes. A casa mal assombrada do filme pode ser vista como a casa interior de cada um. Ela é assombrada pelos nossos fantasmas, que provocam medo permanente. O filme apresenta como saída da casa assombrada o isolamento em relação ao mundo lá fora. Portanto, nenhuma saída. Anne tem vergonha do seu estado e não quer ver mais ninguém de fora. O pai chega ao extremo de trancar Anne no quarto para a filha não ir vê-la.

A relação do casal do filme é feita de afeto e cortesia. Mas eles não se tocam. Só há um beijo, e na mão, em todo o filme. A falta de contato conjugal é chocante. Quando Georges tem que carregar Anne pelo corredor, ele parece estar sempre crispado e tenso. As palavras de carinho entre eles também são escassas, e não há jamais uma declaração de amor.

O enredo confirma a tese de que *lugar de idoso é no aposento*. Não coloca jamais a possibilidade de ocupação dos

dois, que são músicos e poderiam compartilhar beleza e emoção com jovens e adultos em escolas, internatos, hospitais, prisões; ou com outros idosos em Casas de Repouso ou clubes da terceira idade. O trabalho¹ a serviço dos outros, do social, reforça a identidade e a autoestima da pessoa, e gera um sentimento de *pertencimento* e de *ser útil* capaz de encher a vida de uma pessoa idosa de satisfação e alegria.

O filme desenha uma imagem unilateral da terceira idade, como a idade da decadência e da degeneração do corpo e da mente. Ignora que um espírito ativo e alerta consegue suplantar as limitações e manter o corpo e a mente suficientemente jovens para que a velhice não seja prisão e motivo de abandono, depressão e castração. Na verdade, não senti em nenhum momento um real sentimento de autoestima em Georges e Anne. Ela, em pelo menos duas ocasiões, manda interromper o piano, que enche de encantamento o ambiente e de emoção a plateia. Ele faz o mesmo quando visualiza ou recorda Anne tocando piano no salão, quando ela ainda estava em forma. Para ambos a beleza não pode mais ter lugar numa etapa da vida em que tudo é sombrio e sem encanto.

O tema da sexualidade da terceira idade está totalmente ausente. Que impede um casal idoso de continuar sentindo excitação e desejo um pelo outro e se dando prazer, satisfação e carinho também através do amor sexual?² A cultura dominante é hipócrita ao comercializar o sexo por todos os meios rentáveis, divorciando-o do sentimento, da afetividade e do

espírito. Desconsidera, por exemplo, que a relação homoafetiva possa ser, em primeiro lugar, uma relação amorosa, na qual o sexo é somente uma das dimensões. Enquanto isso mantém o tabu sexual de mil formas e, no caso do filme, reforça a imagem de que velhice é feiura, frieza e impotência. Estou convencido de que isto não é verdade.

O filme também não questiona o cuidado da saúde. Em nenhum momento se acena para o fato de que a saúde dos idosos é função da sua capacidade de se manter em boa saúde através da alimentação adequada, do exercício físico cotidiano, e da diversidade de atividades ao seu alcance, que multiplicam seus campos de interesse, estimulam sua curiosidade e os motivam emocionalmente para permanecerem ativos e criativos. O aprendizado da autogestão da saúde física, mental e espiritual é determinante de uma terceira e quarta idades saudáveis e gratificantes!

O filme seria criativo se mostrasse que somos nós que criamos a sombra e o desencanto, ao ler sombriamente a nossa realidade. Não fosse assim, não teríamos exemplos como Dana e Christopher Reeve³, Ryadh Sallem⁴, Jaimi Lard⁵, Terezinha Guilhermina⁶, Jerusa Santos e Jhulia Karol e um sem número de pessoas com deficiências cuja força interior superou de longe suas limitações físicas. São todas pessoas que transcendem com sua força de vontade as limitações da sua natureza corpórea. Elas são exemplos para toda a gente que se sente tentada a entregar-se a qualquer tipo de depressão. Elas manifestam a força do

¹Falo de trabalho emancipado, remunerado para além das meras necessidades básicas de um idoso, e não o que é vinculado à sobrevivência física através de um salário.

²Ohsawa cita um monge budista japonês que, ao morrer aos 84 anos, tinha um filho de três anos, seu vigésimo sétimo filho. ("Le Zen Macrobiotique", 1974, Editora Filosófica J. Vrin, Paris, p. 156). Um mestre chinês do Taoísmo, vivendo em Montevidéu, namorava aos 92 anos uma jovem da comunidade em que vivia.

³Dana Reeve, diante da depressão do ator por causa do acidente que o tornou tetraplégico: "Eu ainda amo você, não importa nada. Você ainda é você".

<http://freepages.genealogy.rootsweb.ancestry.com/~smason/html/reeve.htm>

⁴<https://www.ashoka.org/fellow/ryadh-sallem>

⁵<http://www.youtube.com/watch?v=C2b28sYMa9E>

⁶<http://www.youtube.com/watch?v=sxBMUIS6LF4>

espírito, do amor à vida. Ao transcenderem sua deficiência, elas revelam que a transcendência está escondida no coração da imanência.

A relação da filha e do filho (sempre ausente) com os pais é de plena falta de entendimento e sintonia. O velho casal busca isolar-se, fugir das relações humanas e sociais que os ligam a outras pessoas. Assim é com a filha, o genro, e o antigo aluno de Anne, agora famoso pianista internacional. Os únicos personagens que não são antagonizados pelo casal são o vizinho argentino e sua esposa, pois ambos lhes são serviçais. Mas é uma relação formal e distante, que não se desdobra em momentos não intermediados pela prestação de algum serviço. Uma das frases mais chocantes é a de Georges para sua filha, que insiste em visitar a mãe enferma no quarto e participar dos cuidados dela: “Quem você acha que é?” Ela é ‘apenas’ a filha! No entanto, o impulso de isolar-se leva o pai a cortar a própria filha do espaço de vida dos dois.

É preciso situar este filme no contexto da cultura europeia, em particular da cultura francesa dominante. O filme é uma expressão - eloquente e lancinante ao mesmo tempo - de uma cultura que concebe o ser humano como indivíduo absoluto, descontextualizado, pendurado no espaço-tempo como um astro solitário no imenso céu. O segundo aspecto cultural do filme é que em nenhum momento existe qualquer referência à dimensão invisível do real, àquilo que nos permite dizer ‘eu sou’, à consciência, à alma. A cultura francesa dominante continua sendo materialista e cartesiana e, do Iluminismo até hoje, persegue qualquer sinal de “fé” na Transcendência, ou mesmo qualquer entendimento do ‘binômio unitário’ Transcendência-Imanência. Esta premissa antropológica - que dá fundamento àquela cultura, embora permaneça escondida - é que informa a estória e o enredo do filme de Haneke. Ela é como o grande oceano

no qual o filme navega. Falha gritante: esta premissa não é explicitada, nem no roteiro, nem nas resenhas.⁷

O mundo atual está fatalmente ferido de morte justamente por promover a morte, mais do que a vida. No social, exploração, desigualdade, desvalorização do trabalho, comercialização dos bens comuns, da pessoa humana e até do direito à vida. No econômico, competição agressiva, ética individualista, predatória, guerras pela apropriação das riquezas naturais de outros povos. No político, a ética corporativa instrumentalizando e alienando as sociedades, subordinando o Estado, corrompendo a política e naturalizando as relações predatórias entre humanos e deles com a Natureza. No ecológico, destruição dos ecossistemas, das espécies vivas e do equilíbrio climático sob o pretexto do crescimento e do progresso. Na comunicação, a onnipresença da violência, das armas e da morte nos filmes e nos noticiários. Na educação, o mito de que o sucesso depende somente do esforço, da competência e da capacidade competitiva de cada indivíduo. Na relação interpessoal, a ilusão de que a defesa do interesse individual merece o sacrifício da dignidade e até da vida do outro.

Esta realidade patologicamente infra-humana, característica da civilização do Patriarcalismo e do individualismo está suscitando em milhões pelo mundo afora a busca da valorização dos sentimentos, da emoção, do espírito solidário, da compaixão e do amor.⁸

Se concebermos o amor como o *acolhimento do Outro* como autêntico

⁷ Refiro-me, por exemplo, à resenha de Matheus Pichonelli, “Amor, verbo intransitivo”, que inspirou o título da minha resenha. Ver <http://www.cartacapital.com.br/cultura/amar-verbo-intransitivo/#.UQEU2k2sIFY.facebook>

⁸ O filme “O Impossível”, de Juan Antonio Bayona, centrado nos efeitos do tsunami que afetou a costa da Tailândia há poucos anos, mostra como, em casos extremos, o sentimento que prospera e gratifica, humaniza e salva vidas é o amor, a solidariedade, o altruísmo. Por que não seria assim em tempos mais tranquilos?

Outro, e não como projeção das nossas necessidades, desejos e aspirações, então quase não há amor no filme. Amar exige mais do que coragem. Amar exige empatia, que não é sentir pena, mas sim *sentir com o outro*, colaborar com o outro *no esforço de auto superação*.

Um enredo tão pessimista, individualista, isolacionista não podia terminar senão de forma trágica. Mas outro fim teria sido possível, se se escolhesse um casal de pessoas que praticam outra relação social – e há um sem número deles na própria França! - fundada na premissa antropológica de que “somos todos interligados”. Se este é o fato seminal da existência humana, sejamos solidários, compartilhemos tristeza e alegria, provação e bonança, carência e abundância!

Só um filme com um tal fundamento mereceria o título “Amor”.

***Agradeço a leitura crítica da Professora Paula Raquel dos Santos.**



Endereço: Rua Evaristo da Veiga, 47/702
Centro - Rio de Janeiro/RJ
CEP.: 20031-040 - Telefax: 55 21 2210-2124
Sitio: www.pacs.org.br
E-mail: pacs@pacs.org.br
Associada à ABONG – Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais - desde 1991
Utilidade Pública Federal – Portaria nº 2.476, de 17 de dezembro de 2003 – Diário Oficial da União de 18/12/2003.
Utilidade Pública Estadual – Diário Oficial de 02/06/2003 – Lei nº 4.108.
Utilidade Pública Municipal – Diário da Câmara Municipal do Rio de Janeiro de 13/09/2004 – Lei nº 3832 de 09/09/2004
Inscrição nº 620 no Conselho Municipal de Assistência Social – CMAS, processo nº 08/015202/03, publicado no Diário Oficial do Município de 28/10/2003